

## Leila Khaled: Da resistência ao corpo

*Leila Khaled: De la resistencia al cuerpo*  
*Leila Khaled: From resistance to the body*

Shahd Wadi<sup>1</sup>

**Resumo:** Em 1969, a revolucionária palestina Leila Khaled ficou conhecida como a primeira mulher a desviar um avião da sua rota. As opiniões em torno da personalidade complexa desta mulher são muito diversas e contraditórias: algumas consideram-na revolucionária, feminista, símbolo da resistência palestina e a Che Guevara das mulheres. Outras olham-na como nacionalista, anti-feminista, traidora do seu sexo ou até terrorista. Curiosamente, estas opiniões, na sua maioria, formaram-se sobretudo em torno do corpo de Leila Khaled, especialmente através de um retrato tirado pelo fotógrafo Eddie Adams que se tornara icónico, transformando-a num símbolo da resistência palestina e das mulheres revolucionárias. De uma perspetiva feminista, este artigo reflete sobre o corpo-ícone de Leila Khaled e levanta questões sobre as leituras produzidas em torno deste corpo resistente.

**Palavras-chave:** Leila Khaled, feminismo, corpo, ícone.

**Resumen:** En 1969, la revolucionaria palestina Leila Khaled se hizo conocida como la primera mujer en desviar un avión de su ruta. Las opiniones en torno a su compleja personalidad son muy diversas y contradictorias: algunos la consideran revolucionaria, feminista, un símbolo de la resistencia palestina y el Che Guevara de las mujeres. Otros la ven como nacionalista, antifeminista, traidora de su sexo o incluso terrorista. Curiosamente, estas opiniones se formaron principalmente alrededor del cuerpo de Leila Khaled, especialmente a través de un retrato tomada por el fotógrafo Eddie Adams que se había vuelto icónico, convirtiéndola en un símbolo de la resistencia palestina y las mujeres revolucionarias. Desde una perspectiva feminista, este artículo reflexiona sobre el cuerpo-ícono de Leila Khaled y plantea preguntas sobre las lecturas producidas en torno a este cuerpo resistente.

**Palabras clave:** Leila Khaled, feminismo, cuerpo, icono.

**Summary:** In 1969, Palestinian revolutionary Leila Khaled became known as the first woman to hijack a plane. Opinions around her complex personality are very diverse and contradictory: some consider her revolutionary, feminist, a symbol of Palestinian resistance and the Che Guevara of women. Others look at her as a nationalist, anti-feminist, a traitor to her sex, or even a terrorist. Interestingly, these opinions are mostly formed around Leila Khaled's body, especially through a portrait taken by photographer Eddie Adams that had become iconic. This photo turned her into a symbol of Palestinian resistance and revolutionary women. This article reflects, from a feminist perspective, on Leila Khaled's iconic body, and raises questions around the readings produced around this resisting body.

**Keywords:** Leila Khaled, feminism, body, icon

---

<sup>1</sup> Investigadora em Estudos Feministas, Universidade de Coimbra, Portugal.

“Aprendi que uma mulher pode ser uma lutadora, uma combatente pela liberdade, uma ativista política, e pode amar e ser amada.”

“Onde houver ocupação, haverá sempre resistência.”

“Quando voltar à Palestina, dormirei debaixo de uma laranjeira por três dias.”

Leila Khaled



Muro de Separação, Belém-Palestina, foto de Shahd Wadi, 2015

A terrível sensação de sufoco causada pelo Muro da Separação na Palestina fica atenuada por alguns instantes quando se observa um enorme grafiti de um corpo de uma mulher sorrindo, com uma *keffieh* palestina.<sup>2</sup> Esse corpo, que carrega uma arma, resiste ao e no Muro da ocupação israelita, mas também àquilo que impede uma mulher, muito mais sendo palestina, de se tornar um ícone. Esse corpo é o de Leila Khaled.

Em 1969, esta revolucionária desviou um avião da sua rota, sendo assim conhecida como a primeira mulher *hijacker*.<sup>3</sup> Independentemente das contradições em torno do seu pensamento, da sua

<sup>2</sup> Um lenço palestino.

<sup>3</sup> Não querendo fazer juízo de valor sobre os atos de Leila Khaled, optei por colocar a palavra *hijacker* em inglês, pela ambiguidade da palavra “sequestradora” em português, que normalmente transmite a ideia de raptar pessoas ou apoderar-se violentamente de algo.

história e da sua vida, Leila Khaled é a mulher palestina que conseguiu tornar-se um ícone, mais do que outras mulheres palestinas envolvidas na resistência. Talvez não seja possível descobrir exatamente o motivo por detrás deste iconismo, contudo, o que é evidente é que o mesmo é problemático. Apesar de ter um corpo conhecido através da famosa fotografia de Eddie Adams,<sup>4</sup> a história desta mulher foi, estranhamente, pouco ou mal contada.<sup>5</sup>

Como podemos falar de Leila Khaled hoje? Como podemos colocar legendas sob este corpo-ícone? A língua fica atada e envergonhada ao querer falar com admiração sobre um corpo que carrega armas num presente em que a arma está mais ligada, por exemplo, ao terrorismo do Daesh do que à resistência das mulheres curdas. Fica atada porque já não estamos no tempo em que o desvio de aviões era uma ferramenta política importante romantizada, aceite e admirada por muitos.<sup>6</sup> Fica atada porque dar voz a um ícone significa apagar outras histórias menos conhecidas, mas não menos importantes. Fica atada sobretudo quando se fala de uma personalidade complexa, sobre a qual há opiniões muito diversas e contraditórias. Como irei demonstrar neste artigo, enquanto algumas pessoas olham para Leila Khaled com grande admiração, considerando-a revolucionária, feminista, símbolo da resistência palestina e a Che Guevara das mulheres, outras, pelo contrário, olham-na como nacionalista, anti-feminista, traidora do seu sexo ou até terrorista. E há ainda quem a veja simplesmente como uma refugiada palestina que sonha com o regresso para Palestina, um regresso que apenas aconteceu por alguns momentos, num retorno temporário e quase imaginário do corpo sobrevoando a sua cidade natal Haifa no seu primeiro desvio de avião.<sup>7</sup>

Leila Khaled nasceu em 1944, na Palestina, antes desta ser ocupada e no seu lugar ser instituído Israel, em 1948. A sua família viu-se obrigada ao exílio no Líbano na sequência dos massacres cometidos pelas gangues sionistas. Os esforços árabes no sentido de exigir o direito do regresso dos refugiados palestinos não foram insuficientes para que ela pudesse regressar. Muito pelo contrário, Israel ocupou o resto da Palestina em 1967, e, assim, Leila, que já tinha vencido os constrangimentos da família para se tornar ativista política, sentiu necessidade de reagir.

---

<sup>4</sup> Eddie Adams foi um fotógrafo norte-americano que fez a cobertura de várias guerras e ficou conhecido sobretudo pela fotografia que tirou ao General Nguyễn Ngọc Loan a executar um prisioneiro vietcongue em Saigão em 1968. A fotografia de Leila Khaled também ficou conhecida e foi adaptada e reproduzida posteriormente em várias formas artísticas e comerciais no mundo. Um exemplo desta reprodução é o grafite no muro da separação em Belém-Palestina, cuja fotografia (da minha autoria) é colocado no início deste artigo.

<sup>5</sup> Sarah Irving, *Leila Khaled: Icon of Palestinian Liberation* (London: Pluto Press, 2012), 4.

<sup>6</sup> Vários revolucionários no mundo (peruanos, argentinos, portugueses, palestinos e outros) realizaram desvios de aviões entre os anos 1930 e 1970 como forma de resistência.

<sup>7</sup> Irei desenvolver mais adiante os detalhes deste acontecimento e as suas consequências políticas.

Em 1969, Leila Khaled e o seu colega Salim Issawi da “Unidade de Comando Che Guevara” da Frente Popular da Libertação da Palestina (FPLP), desviaram um avião que ia de Roma para Telavive, com o simples objectivo de, como afirma Leila, questionar o mundo sobre quem são os palestinos.<sup>8</sup> Forçaram o piloto a aterrar na Síria, mas antes obrigaram-no a sobrevoar Haifa, a cidade natal de ambos os *hijackers*. Como Leila havia prometido, não foi utilizada violência física contra ninguém, nenhum dos passageiros ou da tripulação sofreram quaisquer agressões. Ao sair do avião, uma passageira perguntou-lhe quem são os palestinos e, assim, Leila percebeu que alcançara o seu objectivo. A guerrilheira e o seu companheiro de luta foram detidos na Síria, mas apenas durante algumas semanas, sendo depois libertados.

A história chama a atenção da média internacional que começou finalmente a dar cobertura a este problema no mundo árabe. Segundo Leila Khaled, antes do desvio, os refugiados palestinos eram vistos apenas como carentes de ajuda humanitária, ignorando-se por completo o conteúdo político da situação que enfrentavam.<sup>9</sup> Graças ao facto de o desvio do avião ter sido liderado por uma mulher, o feito atraiu atenção. Porém, pelo facto de ser mulher, o seu ato foi ainda mais condenado e menos aceito, tendo ela sido apelidada de “menina terrorista” e de “beleza mortal”.

Leila Khaled não era única entre as resistentes políticas que abraçavam a luta armada. Muitas mulheres da FPLP já o faziam, como por exemplo Shadia Abu-Ghazaleh, a primeira mulher da resistência palestina a morrer após a guerra de 1967. Em homenagem a esta camarada morta, Leila Khaled escolheu o nome “Shadia Abu-Ghazaleh” para o seu próprio nome de guerra.

Apesar de Leila Khaled ser considerada a primeira mulher *hijacker*, o mais provável é ter sido apenas a primeira mulher a liderar uma operação deste género, havendo mulheres que tinham já participado em atos semelhantes - a *Operação Vagô* contra a ditadura em Portugal, por exemplo, realizada num avião da TAP em 1961, e considerada o primeiro desvio de um avião comercial no mundo, foi realizada por 6 revolucionários portugueses, entre eles uma mulher, Maria Helena Vidal, que, estando grávida, conseguiu levar as armas presas à barriga com uma cinta.<sup>10</sup>

O que chamou a atenção do mundo no caso de Leila Khaled, porém, foi, em particular, o seu corpo e a complexidade da leitura do mesmo. Foi a famosa imagem que, entretanto, se tornara icónica,

---

<sup>8</sup> A razão pela qual foi escolhido especificamente este avião não é clara. Apesar de Leila Khaled ter anunciado durante o desvio que a razão tinha sido porque Yitzhak Rabin, que cometera crimes contra os palestinos, estava a bordo (na realidade não era verdade), a FPLP sempre negou este facto.

<sup>9</sup> Sarah Irving, *Ibid.*, 6.

<sup>10</sup> Outras mulheres também participaram em desvios de aviões. A argentina Maria Cristina Verrier, por exemplo, não só participou na Operação Condor, em 1966, mas também foi quem a planejou. Todavia não era a comandante principal da operação, como Leila Khaled.

que transforma Leila num símbolo da resistência palestina e das mulheres revolucionárias. O seu corpo é construído através de um processo e é também reflexo deste mesmo processo complexo. Partindo da discussão sobre o corpo nos Estudos Feministas e a problematização desse mesmo corpo relativamente às próprias identidades, este artigo baseia-se em teorias feministas, como a de Elizabeth Grosz, que considera os corpos códigos sociais que produzem discursos sem necessariamente falar, para tentar responder a perguntas socioculturais e políticas,

explorando as formas pelas quais o corpo é produzido fisicamente, socialmente, sexualmente, pelos discursos e pelas representações; e, pelo seu lado, as formas pelas quais os corpos se reinscrevem e se projetam no meio ambiente sociocultural, de modo que este meio ambiente simultaneamente produz e reflete a figuração e os interesses do corpo.<sup>11</sup>

A imprensa ocidental comparou a delicadeza da cara de Leila Khaled com a de Audrey Hepburn, um ícone de Hollywood da época. O contraste entre o corpo, sobretudo as mãos, descritas como frágeis, e a arma foi o que desorientou as leituras hegemônicas normalmente presentes na mídia internacional sobre as mulheres palestinas.<sup>12</sup> Trata-se de um corpo considerado, nessas leituras, como “feminino” e que, ao mesmo tempo, não o é. Um corpo magro e pequeno que carrega arma e desvia aviões. O corpo de Leila é subversivo: ultrapassa as fronteiras confinadas ao seu sexo e quebra estereótipos ocidentais orientalistas sobre os corpos das mulheres árabes.

O corpo de Leila também confundiu as leituras de algumas feministas ocidentais. Não é velado nem vitimizado, à espera da ajuda das mulheres brancas para o salvar dos homens árabes, não segue o modelo que se espera de uma mulher árabe. Por isso, uma dessas feministas, Robin Morgin – no seu livro *The Demon Lover: The Roots of Terrorism* (2001) até acusou Leila e as mulheres que participam na luta armada nacional de serem traidoras do seu sexo e imitadoras e seguidoras do sistema patriarcal.<sup>13</sup> Porém, Morgin serve-se da própria imagem estereotipada de Audrey Hepburn, seguindo a imprensa patriarcal dominante. Pode-se concordar com a ideia de que a tensão entre o nacionalismo e feminismo incorpora o pensamento de Leila Khaled. Especialmente no início da sua vida, ela havia afirmado que enfrentar a ocupação é mais urgente do que enfrentar outras opressões e

---

<sup>11</sup> Elizabeth Grosz. “Bodies-Cities” in *Places through the Bodies*, ed. Heidi J. Nast & Steve Pile, (London: Routledge, 2005), 31.

<sup>12</sup> Katharine Viner publicou um artigo onde argumenta que o anel de Leila Khaled, construído a partir de uma bala, é o centro da sua história e que esta mistura entre beleza e violência é a razão da persistência do seu poder. Informação disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2001/jan/26/israel>

<sup>13</sup> Morgin, Robin, *The Demon Lover: The Roots of Terrorism*, (New York: Washington Square Press, 2001).

injustiças sociais. Contudo, a hostilidade de Morgan ignora, por completo, o ativismo de Leila nos movimentos feministas e as próprias resistências e críticas que Leila tinha dirigido contra o sexismo dos seus camaradas. Leila insiste que a participação das mulheres na luta nacional fez com que estas sejam mais ouvidas, confirmando, ao mesmo tempo, que não são as armas que colocam as mulheres num patamar igual aos homens. Porém, na minha opinião, foi o corpo e as ações subversivas de Leila que mais resistiram aos modelos hegemônicos, heteronormativos e orientalistas.

O corpo de Leila Khaled parece não se preocupar em manter o olhar dócil de Audrey Hepburn e que se submete a cirurgias plásticas não com o objectivo de cumprir padrões de beleza, mas, antes, por uma causa. Leila submeteu-se a várias operações, modificando o seu corpo para não ser reconhecida, e realizou o seu segundo desvio de avião em 1970, desta vez sem sucesso. O seu “companheiro de luta”, o nicaraguense e norte-americano Patrick Arguello do movimento Sandinista, foi morto pelos agentes de segurança que se encontravam no avião israelita. Leila ficou inconsciente devido a um golpe na cabeça. O avião da EL AL fez uma paragem de emergência em Londres onde Leila foi detida. A polícia ficou surpresa e sem perceber porque é que Leila aceitou ser tratada por um médico judeu. Mas quem conhece Leila hoje, sabe que o seu ativismo sempre passou também por explicar ao mundo a diferença entre o Sionismo, contra qual sempre lutou, e o judaísmo, uma religião com a qual sempre conviveu de forma muito próxima.<sup>14</sup>

Leila mal conheceu o camarada nicaraguense que realizou com ela o seu segundo desvio de avião acima referido. Mas a morte dele por uma causa da Palestina e não pela do seu país, poderá ter moldado as ideias da ativista sobre a solidariedade transnacional. Isto é evidente nas palavras dela sobre a morte de Patrick Arguello: “deveria ter sido eu a ser morta, porque era a minha luta e ele estava aqui para nos apoiar”.<sup>15</sup> Leila faz uma distinção clara entre o apoio de todos os direitos dos palestinos, sobretudo o direito do regresso dos refugiados, e a falsa solidariedade com a Palestina que se limita à ajuda humanitária.<sup>16</sup> Leila acredita que a importância do trabalho dos movimentos de solidariedade transnacionais contra a ocupação, incluindo os movimentos israelitas, não se limita a pressionar os governos, mas também a quebrar o sentimento de isolamento e solidão do povo palestino.<sup>17</sup> A solidariedade de Patrick Arguello mostra-nos a possibilidade dos seus

---

<sup>14</sup> Leila Khaled afirmou esta ideia na palestra que apresentou no Seminário Internacional de Solidariedade com o Povo Palestino, que teve lugar em Almada, a 29/11/2014, organizado pelo Movimento pelos Direitos do Povo Palestino e Pela Paz no Médio Oriente, disponível em: [https://www.mppm-palestina.org/sites/default/files/ficheiros\\_anexos/documentos\\_mppm\\_no\\_10\\_-\\_seminario\\_internacional\\_de\\_solidariedade\\_com\\_o\\_povo\\_palestino.pdf](https://www.mppm-palestina.org/sites/default/files/ficheiros_anexos/documentos_mppm_no_10_-_seminario_internacional_de_solidariedade_com_o_povo_palestino.pdf)

<sup>15</sup> Sarah Irving, *Ibid*, 51. (A tradução é da minha responsabilidade.)

<sup>16</sup> *Ibid*, 132.

<sup>17</sup> *Ibid*, 130.

corpos, dele e de Leila, desobedecerem às fronteiras impostas pelos sistemas de poder e opressão, resistindo aos mapas criados pelo colonialismo para se encontrarem no espaço definido por uma causa. Assim, a solidariedade torna-se em si um ato de contestação e resistência. É uma solidariedade não “para um outro inferior”, mas com o outro, uma solidariedade que não é do Norte para o Sul, mas, utilizando a ideia de Timothy Seidal, que problematiza até as categorias transnacionais e apaga as “fronteiras” entre o Sul Global e o Norte Global.<sup>18</sup>

Na mesma época em que Leila realizou seu segundo *hijacking*, outros aviões foram desviados para o campo de Dawson, na Jordânia, também com participação de mulheres. Os passageiros foram mantidos reféns, exigindo-se a libertação de Leila. Um dos desvios de avião foi alegadamente realizado por uma mulher que atuou sozinha, Muna Abid el Sajid. Leila permaneceu apenas 23 dias sob detenção inglesa, antes de ser libertada na sequência de uma troca por passageiros.

Leila vive hoje na Jordânia com a sua família, continua a fazer parte da FPLP e é membro do Conselho Nacional Palestino. Continua, pois, ativa e, como ela diz, continuará sempre até ao seu regresso a Haifa.<sup>19</sup>

A história de Leila faz-nos interrogar: que corpo é este? Será que Leila se tornaria um ícone, com a sua imagem produzida em grafitis e t-shirts, se o seu corpo não tivesse sido divulgado através da famosa fotografia? Será que iria ser designada “terrorista” e “traidora do seu gênero” se não tivesse tido o seu corpo exposto publicamente? Será que Leila ia conseguir chamar a atenção para a causa palestina se não tivesse um corpo que corresponde às avaliações hegemônicas da beleza? Como teria sido a sua história se o seu corpo tivesse sido outro?

Os arquivos criados sobre a vida, a voz e o corpo da revolucionária podem oferecer algumas pistas para responder a estas perguntas. Porém, é importante lembrar que a sua voz nunca foi apresentada num “eu” que assume a sua singularidade. A sua história nunca foi escrita apenas por ela. Os livros e documentários sobre a vida de Leila foram produzidos por outras pessoas a partir de entrevistas diretas. São espelhos que refletem a sua voz, mas não deixam de reflectir com ela a voz de quem os produziu.

Um dos estudos sobre Leila é um capítulo da tese de doutoramento de Mejdulene Shomali, *Moving Feminities: Queer Critique and Transnational Arab Culture* (2015)<sup>20</sup>. Trata especificamente da relação entre o “iconismo” de Leila e a popularidade da sua imagem. A autora nota que a ativista

---

<sup>18</sup>Timothy Seidel. “‘Occupied territory is occupied territory’: James Baldwin, Palestine and the possibilities of transnational solidarity”, in *Third World Quarterly*, 37:9, (2016), 1649.

<sup>19</sup> Sarah Irving, *Ibid.*, 129.

<sup>20</sup>Mejdulene Shomali; *Moving Feminities: Queer Critique and Transnational Arab Culture*, Tese de doutoramento em filosofia submetida à University of Michigan (2015).

é lembrada sobretudo visualmente, nas ruas, paredes, t-shirts, tatuagens, posters e obras artísticas. A tese argumenta que a popularidade resulta da inter-relação entre a feminilidade e violência, evidente na imagem de um sujeito que recusa os padrões heteronormativos e heteropatriarcais sobre a mulher árabe. A fotografia acentua uma certa “feminilidade”: as sobrancelhas bem desenhadas, o cabelo com franja, o olhar desviado numa pose “feminina” clássica. Estes elementos, considerados “femininos”, misturam-se com o carácter bélico que a presença da arma imprime, evocando uma representação não-normativa da feminilidade. Shomali argumenta que Leila e a sua imagem são potencialmente *queer*,<sup>21</sup> política e sexualmente.

A primeira publicação sobre a guerrilheira ocorreu quando o FPLP pressionou Leila Khaled a publicar as suas memórias, *My People Shall Live* (1973). Embora o livro esteja na primeira pessoa, não foi escrito por Leila mas por um escritor fantasma, George Hajjar, também ele membro do partido. São poucas as histórias pessoais neste livro, comparadas com os longos parágrafos panfletários e partidários que defendem a pátria com um tom que pode parecer, muitas vezes, nacionalista. Este tom, que aparece neste livro e até em algumas das suas conferências, será talvez um dos pontos mais contraditórios do pensamento da ativista. Um tom que, a meu ver, contradiz com a subversão do seu corpo e das suas ações.

Algumas décadas se passaram até que outra publicação tentasse revelar mais sobre a ativista: *Leila Khaled: Icon of Palestinian Liberation* (2012), da autoria de Sarah Irving.<sup>22</sup> Este livro preenche os vazios em relação da história da Leila, salientando também a parte da sua vida como ativista feminista nas organizações de mulheres, sobretudo na União Geral das Mulheres Palestinas, e liga as suas lutas ao longo da vida com o momento histórico-político atual.

A fonte cinematográfica principal sobre a ativista é um documentário com o título *Leila Khaled: Hijacker* (2005), de Lina Makboul. O documentário é útil para questionar: será que podemos consagrar aqui uma pessoa que foi considerada “terrorista”?

O documentário, acima referido reflete a identidade sueco-palestina da sua realizadora, contrapondo a visão de um mundo árabe, que olha Leila como heroína, ao pensamento ocidental, que a acusa de ser terrorista. Ao entrevistar o piloto do avião israelita que Leila tentou desviar, aquele recusa considerar como um ato terrorista o Massacre de Deir Yassin, cometido por gangues sionistas em 1948 e que matou centenas de civis palestinos, mas, pelo contrário, designa de terrorismo o desvio

---

<sup>21</sup> Num artigo de pequena dimensão como este é impossível explicar a complexidade do conceito *queer* e as vastas definições e teorizações sobre o mesmo. Contudo, o conceito *queer* é utilizado aqui como referência às categorias sempre em construção e desestabilizadoras das identidades fixas.

<sup>22</sup> A mesma autora tem um blog onde reúne as diferentes publicações, informações e links sobre Leila Khaled, disponível em: <https://leilakhaled.wordpress.com/>

de um avião em que nenhum passageiro ficou sequer ferido. O documentário convoca a duplicidade de critérios que levam a considerar Leila e os palestinos que resistem através da luta armada como “terroristas” enquanto os sionistas que mataram centenas de inocentes são considerados “heróis”.

Neste documentário, Leila Khaled recusa a acusação que coloca qualquer sequestro de avião no campo de atos terroristas, sublinhando que Israel descreve qualquer resistência popular como terrorismo. Talvez por isso Leila Khaled vem afirmando a sua posição desfavorável a quaisquer atos de violência contra civis. Apesar da maioria de estados e organismos humanitários internacionais reconhecerem o conceito de “Terrorismo de Estado”, quer Israel quer os EUA, curiosamente, rejeitam este conceito. Por esta razão, Leila Khaled questiona a própria definição de terrorismo na medida em que, para ela, a ocupação é o terrorismo em si mesmo.<sup>23</sup>

Será que podemos exigir que a luta para a independência, soberania e liberdade siga um modelo universalista único? A ativista faz-nos repensar as formas de resistência através de uma epistemologia do sul,<sup>24</sup> lembrando que os povos têm direito de lutar contra quem os ocupa, fazendo uso de qualquer forma de luta, incluindo a armada, como afirma a declaração das Nações Unidas. Mais importante do que qualquer resolução das Nações Unidas esquecida é o grito não ouvido de um corpo desprezado, nas palavras de Leila: “quando desviamos os aviões, o mundo inteiro pergunta quem somos... mas quando somos torturados nas prisões israelitas, quem é que ouve o nosso grito?”<sup>25</sup>

Leila Khaled acredita que o momento histórico-político é o que define a maneira de lutar. A revolucionária que se serviu das armas serve-se hoje de uma desobediência cívica parecida com aquela que foi praticada contra o apartheid na África do Sul. Por isso, quando Leila esteve em anos recentes num encontro em Portugal defendeu o Movimento de Boicote, Desinvestimento e Sanções como forma de pressionar Israel no cumprimento da Lei Internacional que vem grosseiramente contrariando.<sup>26</sup> Na mesa do almoço desse encontro, Leila escolheu ficar ao lado de uma jovem palestina exilada, partilhar com ela as peras bêbadas de sobremesa,<sup>27</sup> sair para o terraço contrariando a orientação dos seguranças designados pelo Estado Português e falar de igual para igual. Naquela voz roca de tantos cigarros, esta jovem, que era eu própria, encontrou o seu ícone imperfeito, como

---

<sup>23</sup> Lina Makboul. *Leila Khaled: Hijacker* (documentário), Swedish Television, Nederland NPS (2005);

<sup>24</sup> Segundo Boaventura de Sousa Santos: “Uma epistemologia do Sul assenta em três orientações: aprender que existe o Sul; aprender a ir para o Sul; aprender a partir do Sul e com o Sul.” *Apud* Santos, Boaventura de Sousa & Meneses, Paula “Introdução” in *Epistemologias do Sul*, (Coimbra: Almedina/CES, 2009).

<sup>25</sup> *Ibid.*

<sup>26</sup> Leila participou do Seminário Internacional de Solidariedade com o Povo Palestino, que teve lugar em Almada, a 29/11/2014, organizado pelo Movimento pelos Direitos do Povo Palestino e Pela Paz no Médio Oriente.

<sup>27</sup> Um tipo de sobremesa portuguesa.

não poderia deixar de ser. Leila Khaled poderá ser glorificada por uns e odiada por outros, mas o que me ficou desse encontro foi o poder do seu corpo subversivo que recusa ser confinado a fronteiras sexuais ou territoriais. Um corpo exilado que tudo faz por uma única razão: podermos voltar a casa.

### **Referências Bibliográficas:**

Grosz, Elizabeth. “Bodies-Cities” in *Places through the Bodies*, ed. Heidi J. Nast & Steve Pile, London: Routledge, pp. 31 – 38, 2005.

Irving, Sarah. *Leila Khaled: Icon of Palestinian Liberation*, London: Pluto Press, 2012.

Khaled, Leila & Hajjar, George. *My People Shall Live: The Autobiography of a Revolutionary*, London: Hodder & Stoughton, 1973.

Makboul, Lina (realizadora). *Leila Khaled: Hijacker* (documentário), Swedish Television, Nederland NPS; [www.leilakhaled.com](http://www.leilakhaled.com), 2005.

Morgin, Robin. *The Demon Lover: The Roots of Terrorism*, New York: Washington Square Press, 2001.

Santos, Boaventura de Sousa & Meneses, Paula. “Introdução” in *Epistemologias do Sul*, Coimbra: Almedina/CES, 2009;

Shomali, Mejdulene. *Moving Feministies: Queer Critique and Transnational Arab Culture*, Tese de doutoramento em filosofia submetida à University of Michigan. 2015.

Seidel, Timothy. ““Occupied territory is occupied territory”: James Baldwin, Palestine and the possibilities of transnational solidarity”, in *Third World Quarterly*, 37, 9 (2016): 1644-1660.

Viner, Katherine. “I made the ring from a bullet and the pin of a hand grenade” *em The Guardian*, 26-01-2001, disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2001/jan/26/israel> (acesso em 23-08-2021).